

Por uma alfabetização sem cartilha: narrativas e experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO

Tesista: Tiago Ribeiro¹

Nombre del Programa/Universidad: Doctorado en Educación/ Programa de Postgrado en Educación , Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil.

Director: Dra. Carmen Sanches Sampaio (UNIRIO)

Co-director: Dr. Carlos Skliar (FLACSO)

Jurado Evaluador: Dr. Walter Kohan (UERJ); Dra. Graça Reis (UFRJ); Dra. Andréa Fetzner (UNIRIO), Maria Luiza Sússekind (UNIRIO) e Suplentes: Profa. Dra. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (FFP/UERJ) e Adrienne Ogêda Guedes (UNIRIO)

Fecha de Defensa: 19 de febrero de 2019

Escrever é pensar - defendeu, alguma vez, Marina Garcés, em sua “filosofia inacabada”. Sim... escrever é pensar, mas como escrever e pensar, pensar e escrever, num tempo em que as bombas de gás ardem em nossos olhos e embaçam nossos sonhos, tempos nos quais Marielles e Santiagos nos lembram a dor do fascismo, em que as balas de borracha ferem nossas peles e o desejo fascista de silenciamento e negação avilta nossos corpos e existências?

Com tais inquietudes, vivendo um governo ilegítimo, alçado ao poder através de um golpe de Estado no Brasil, o qual destituiu a então presidente Dilma Rousseff, vivi a aventura investigativo-formativa da pesquisa de doutorado

entre Brasil e Argentina, país ao qual cheguei para meu período de estudos, justamente no dia em que haviam levado Santiago Maldonado. Portanto, trata-se de uma tese gestada em meio ao ataque à democracia e aos Direitos Humanos nos dois países, ao esfacelamento de sonhos de uma América Latina econômica, cultural e politicamente afirmativa e livre... Como tal, uma tese em forma de grito e de denúncia.

Assumindo, inspirado em Fernandes (2011) e Foucault (2006), a investigação como uma *pesquisa-experiência*, no sentido de que experiência é algo do qual saímos transformados, outros de nós mesmos (e, por conseguinte, também a pesquisa), busquei uma *escrita*

acadêmica outra (CALLAI; RIBETTO 2016), na qual pudesse experimentar o desafio colocado por Nilda Alves (2008) de literaturizar as ciências, a partir dos atravessamentos que estava vivendo. Escrever narrativamente desde a experiência, com corpo, sangue, presença, assinatura, nome próprio. Uma escrita inscrita; habitada.

Essa discussão, juntamente com a contextualização de quem sou eu - enquanto investigador que sente, pesquisa e escreve de modo singular, acionando redes de afetos e saberes - ocupou a parte inicial da tese. Nesse primeiro momento, me perguntava acerca do que pode ser considerado ciência e que escritas podem ser consideradas acadêmicas. Há uma escrita acadêmica única? Uma única maneira normatizada de comunicar dá conta de tantas experiências distintas e singulares? A indagação acerca dos cânones e sua dimensão normativa e limítrofe, na tese, convidou a habitar outras narrações possíveis: por que não narrar em primeira pessoa?

No movimento de questionar e ensaiar uma escrita encarnada, habitada em primeira pessoa desde a experiência; escrita, ademais, inclusiva, como gesto político de insubmissão às normas que abafam pluralidades de modos de ser e estar no mundo, também refleti acerca dos modos e maneiras como podemos viver uma pesquisa viva - nessa perspectiva experiencial e narrativa - em torno da experiência educativa; o que constituiu um segundo momento da tese.

Tal reflexão justificava-se pelo objetivo da pesquisa: investigar, a partir de narrativas docentes compartilhadas nos encontros do Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO, modos de alfabetizar sem cartilha, maneiras como professoras alfabetizadoras têm encontrado para viver, com as crianças de favelas do Rio de Janeiro, experiências de alfabetização cheias de vida, afirmativas de seus saberes e vivências.

Diante do desafio, uma precaução: não falar pelo outro, não transformar sua narrativa em categoria, em número, em quadro. Não queria interpretar as narrativas. Elas carregavam muitos afetos, muitos sentidos. Queria compreender a narrativa como potência vital, como gesto de criação, como dar-se a ler, como corpo ex-posto, como voz ofertada. O que elas nos dizem? O que dão a pensar? Assim, alicerçado nos estudos com os cotidianos (GARCIA, 2003) e na pesquisa narrativa (OLIVEIRA; GERALDI, 2010), busquei pensar: 1) o que dizem as narrativas? 2) O que elas fazem comigo? e 3) O que faço com aquilo que elas fazem comigo?

Em outras palavras, sentir-pensar, escrever ressonâncias, inquietudes, descobertas a partir das narrativas, quase como uma forma de conversação com elas e seus narradores. Não explicar ou descrever, mas, antes, escutar o que dizem e como o que dizem me afeta, como impede de seguir falando e pensando o mesmo. As narrativas, enquanto testemunho de singularidade e diferenças, nos tocam, nos atingem... às vezes nos emudecem. Mostram outras rotas epistêmicas, ontológicas e

performáticas possíveis.

Nesse sentido, no diálogo com Clandinin e Connelly (2015), que defendem a narrativa como método e fenômeno investigado, sugeri que ela (a narrativa) é também gênero privilegiado para informar cientificamente os desdobramentos de uma pesquisa narrativa. Com isso, sustento que pesquisar narrativamente é criar uma narração a respeito de um percurso investigativo singular: contar a ventura investigativa que vivemos, como a vivemos, com quem conversamos, a quem damos as mãos, como a performamos, que descobertas fazemos, como nos afetamos... e tantas outras perguntas.

Realizar uma pesquisa narrativa, insisto, é desafiar-se a criar uma narração. Trata-se de uma narrativa de narrativa de narrativa. Narrativas. Narrações. Sim e repito: não tem a ver com a verdade, porque a partir de um enfoque narrativo não cabe a imposição/suposição de uma verdade, de uma interpretação única e universalizante, mas pluralizam-se os sentidos e leituras dentro dos possíveis das múltiplas perspectivas. Viver é narrar, e narrar é viver, como alerta Paul Ricoeur (2010). Assim, nossa trajetória de vida é, também, a composição de uma narrativa em aberto (bem como nossas ações investigativas), sempre em construção; um fazer-se contínuo e cambiante. Narrar é dar-se a ler, ainda quando nossas narrativas não têm a nós mesmos como personagens da trama compartilhada.

Acreditando nisso mergulhei, de cabeça, nas narrativas docentes. Professoras negras que também viveram cenas de

silenciamento e racismo na escola. Professoras de crianças negras, faveladas, também tantas e tantas vezes aviltadas pela ausência do Estado e pela negação de direitos. No entanto, em suas narrativas, não falavam apenas de dor; falavam de potência, de criação e invenção. Seus relatos mostram uma escola outra, tecida e gestada agora, na relação de escuta, atenção e cuidado com as crianças, de acolhida de suas vozes, corpos, desejos e experiências.

Com as professoras, aprendi que alfabetizar é para além das letras, das frases e textos. O texto é vida a ser lida, escrita e interpretada. Reescrita. Reinterpretada. Reinventada. Alfabecriar (ZACCUR, 2011): inventar modos e maneiras de pedir e oferecer a escrita, não como ordem, mas convite, como inscrição no mundo, como dispositivo de interlocução e indagação do mundo. Escrever o que nos passa, o que nos toca, o que nos afeta, positiva e negativamente. Aquilo que aguça o desejo, a curiosidade, a presença!

Ao investigar com as narrativas docentes, revivi minha história, meu processo formativo: me dei conta, pela primeira vez, de minha negritude... Pesquisar narrativamente, mesmo quando se trata das falas de outros, é pesquisar-se, voltar-se sobre si mesmo, para si mesmo... Desconhecer-se para reconhecer-se. Uma pesquisa narrativa é uma viagem, uma aventura. E pode espichar nossos modos de ver, sentir,

pensar, estar, compreender-se...

Na tese, as narrativas com as quais trabalhei apontaram para outro lugar ético, político e epistemológico a partir do qual pensar o alfabetizar (e o educar): desde o coletivo, a colaboração e a cooperação. Um lugar que afirma a diferença e a polifonia como dimensões constitutivas do aprender a ler e a escrever. Corpo e mente vão juntos, brincantes e pensantes, nos ensinam as professoras em suas narrações. Não somos, como nos provoca Emília Ferreiro (2009), uma mão que escreve ou olhos que leem; somos sujeitos em nossa inteireza: sentimos, sofremos, pensamos... As mãos que escrevem trazem inscritas histórias e corpos; os olhos que veem impõem sentidos ao visto, criam-no e recriam-no à medida que nossos repertórios vão também sendo criados e recriados: não escrevemos com as mãos, mas através delas, por mais que a concepções mecanicistas de alfabetização insistam em dizer o contrário, por mais que a diferenciação/polarização entre alfabetizar e letrar também possa sugerir-lo.

Os modos e maneiras de ensinar a ler e a escrever narrados pelas docentes participantes da pesquisa foram dando a ver, no movimento da mesma, a

relevância e urgência da afirmação de uma alfabetização com sentido e autoria, tecida discursiva e interlocutivamente. Falam da invenção como forma de fazer didáticas e currículos com as crianças, compartilhando a palavra. Narrativas que dão a ver e ler a potência da educação/alfabetização como forma de indisciplina de um pensamento que não se permite enjaular ou encerrar, categorizar ou normalizar, silenciar ou padronizar frente às políticas de currículos mínimos. Um processo de ensinar a ler e a escrever pautado na pergunta incessante, na indagação constate... aqui, hoje, agora, como relação, não como projeto para o futuro. Nossa cidadania é no presente; construção coletiva.

Alfabetizar: palavra-vida.

Alfabetizar: pensamento.

Alfabetizar: conversação.

Por que não inventar outros modos de ser e estar na escola, de ser escola? As professoras e suas histórias invitam a plasmar uma ideia de escola como atelier de descoberta e re-invenção de si e do outro, do mundo, como possibilidade de nós enxergarmos como potência, como exercitar nossas possibilidades de ser, dizer, criar e sonhar.

Notas

(1) Doctor en Educación (UNIRIO). Magister en Educación (UNIRIO). Licenciado en Pedagogía (UNIRIO) y Profesor en el Instituto Nacional de Educación de Sordos (INES), Brasil, y en el Programa específico de formación de investigadores narrativos de la Universidad Nacional de Rosario (UNR), Argentina. E- mail: tribeiro.ines@gmail.com

Referencias bibliográficas

- ALVES, N. (2008). Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- CALLAI, C.; RIBETTO, A. (2016). *Uma escrita acadêmica outra: ensayos, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. (2015). *Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Uberlândia, MG: EDUFU.
- FERNANDES, S. B. (2011). Como uma empirista cega: pesquisa-experiência. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.120 – 135, jul./dez.
- FERREIRO, E. (2009). *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. São Paulo: Cortez.
- FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos III*. (2006). 2ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GARCIA, R. L. (2003). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.
- OLIVEIRA, I. B. de; GERALDI, W. (2010). Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I. B. (org.). *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Petrópolis: DP et Alii.
- RICOUER, P. (2010). *Tempo e Narrativa 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: Martins Fontes.
- ZACCUR, E. (comp.). (2011). *Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?* Rio de Janeiro: Rovellet.